

S. Bento Menni em finais do séc. XIX (relembre-se que os discípulos de S. João de Deus alcançaram uma enorme expansão desde 1606 até 1834, ano em que foram expulsos do país e espoliados dos seus bens), exige um trabalho mais aprofundado ao nível da inventariação, tratamento, acondicionamento e restauro, bem como do estabelecimento de critérios e regras que possibilitem uma feliz integração e conservação do acervo mais recente que, também a este nível, a actividade constante da Ordem vai avolumando.

O Encontro de Roma permanece assim como um desafio que, desde o início exemplarmente acolhido pela Província Portuguesa dos Irmãos de S. João de Deus, urge agora, com discernimento, dar continuidade.

João Luís Inglês Fontes



VI JORNADAS DO PATRIMÓNIO CULTURAL DA ARQUIDIOCESE DE BRAGA

No dia 11 de Março do ano 2000 realizaram-se em Braga, no Centro Apostólico do Sameiro, as VI Jornadas do Património Cultural da Arquidiocese de Braga, promovidas pelo Instituto de História e Arte Cristãs da mesma Arquidiocese.

A iniciativa foi favoravelmente acolhida por quase todos os vice-arciprestes (responsáveis em cada arceprelado pelas questões patrimoniais), por párocos, capelães e várias leigos, sensíveis todos ao tema de reflexão escolhido: “A iconografia ao serviço do Evangelho”.

Coube a D. Carlos Pinheiro, Bispo Auxiliar de Braga, a palavra de abertura. Para saudar os presentes. Para incentivar à preservação e inventariação dos bens patrimoniais da Igreja. Para ecoar um apelo vindo da própria Polícia Judiciária: que as igrejas possuam o seu inventário, a fim de terem consciência do que possuem e – em caso de roubo – mais facilmente o recuperarem.

A comunicação de Carlos Azevedo, professor da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, versou “O lugar da Simbólica na Imaginária Sacra”. Frisou a importância do carácter específico da arte sacra no conjunto dos bens culturais e salientou os passos históricos da iconografia religiosa, enumerando alguns dos grandes tratados sobre o assunto. Concretizou a importância da simbólica nas imagens da Imaculada Conceição.

A comunicação seguinte pertenceu a João Soalheiro, que abordou o tema: “O inventário: da paralisia do medo, ao desafio da acção”. Referiu que – não apenas por medo a perdas e roubos – mas pela estima que o património merece, deve cada paróquia fazer o seu inventário, um inventário exaustivo, que na exigência mínima supõe listagem, medidas e fotografias das peças. Inventariar é partilhar, uma partilha que também se requer quando, à hora da inventariação, surgem dificuldades: surgirá aí a ocasião de recorrer à ajuda dos técnicos.

Da parte da tarde, o Arquitecto P. José Manuel Ribeiro apontou – em jeito de balanço do que tem visto no seu labor de inventariação – factores positivos e outros menos positivos ou até bastante negativos. Positivo, disse, é o facto de os párocos mostrarem interesse em saberem o património que têm à sua guarda. Negativos, contrapôs, são os casos de peças

confiadas à guarda de particulares, muitas vezes com desconhecimento da comunidade, sem qualquer documentação escrita... Como negativos são os maus restauros de peças (às vezes em cumprimento de promessas), ou a descaracterização delas.

A última intervenção da tarde, como que entreabrindo portas para ulteriores e mais maduras reflexões, coube a Arlindo Jerónimo. Falou da importância dos sinos, evocados por tantos literatos, apazíveis aos ouvidos de tantas gerações e povos, vozes de Deus que convocam o povo e lhe inspiram variados sentimentos. Também os sinos merecem estudo e inventariação.

Os trabalhos concluíram-se com a participação dos vários arciprestados. A cada um, qual forma de divulgação e sensibilização, foi dada a possibilidade de – em quadro, em slide, por simples comunicação verbal – apresentar meia dúzia das mais significativas obras existentes no Arciprestado.

Afinal, a arte é de todos, é evangelizadora para todos e por todos deve ser conhecida, respeitada, estimada.

Paulo Abreu

●

CELEBRAÇÃO DOS 450 ANOS DA DIOCESE E CIDADE DE PORTALEGRE



O acontecimento teve o seu primeiro anúncio na Carta Pastoral que D. Augusto César publicou no dia 15 de Agosto de 1999, na qual associava os dois Jubileus: o Grande Jubileu da Igreja – os 2000 Anos do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo e o Jubileu da Diocese com os seus 450 anos de história. “Cada Igreja particular é formada à imagem da Igreja universal; e nela e a partir dela, é que existe a Igreja Católica una e única” (cf. L.G. 23). Com efeito, falar de 450 anos duma Igreja particular, equivale a explicitar o mistério de Deus no tempo e a sua intervenção na história.

Porém, o anúncio oficial para o grande público acontece no dia 21 de Agosto com o toque festivo dos sinos em toda a Diocese. Nesse dia se completavam exactamente 450 Anos sobre a data em que o Papa Paulo III publicava a Bula “*Pro excellenti Apostolicae Sedis*”, por meio da qual criava a Diocese de Portalegre, desmembrando-a da Diocese de Guarda. O primeiro Bispo desta nova Diocese foi D. Julião d’Alva, conselheiro de sua Majestade o rei D. João III. Em 1881, foi-lhe anexada a Diocese de Castelo Branco, que tinha igualmente sido desmembrada da Diocese da Guarda. Em 1956, a nossa Diocese recebeu, por decreto Consistorial, a designação actual, passando a chamar-se Portalegre-Castelo Branco, com duas Sés: a de Portalegre dedicada a Nossa Senhora da Assunção e a de Castelo Branco a S. Miguel Arcanjo.

Diocese e Cidade irmanadas

Portalegre, estando igualmente a comemorar 450 anos da sua elevação a Cidade, uniu-se às comemorações da Diocese, elaborando-se assim um vasto e aliciente programa de celebrações que foi apresentado aos órgãos de informação em conferência de imprensa, no paço episcopal no dia 29 de Outubro de 1999, por uma Comissão conjunta da Diocese